

Capítulo 3

Ocupando os jornais: representação dos estudantes-ocupantes de 2016 pelo jornalismo cearense

Daniel Paiva de Macêdo Júnior

Nas ruas, nas praças: a insurgência estudantil

Diante do fim das vias de diálogo, Marcuse (1999: 94) considera que “única forma de contestação: desobediência civil e ação direta”. Não à toa: de norte à sul do Brasil de dimensões continentais e compreensão em pluralidades, em movimento e resistência, universitários intensificaram as trincheiras ocupando Unidades Acadêmicas, Reitorias e, claro, as ruas para gritar Fora Temer e pelo fim do ajuste fiscal.

A palavra de ordem #OcupaTudo unia o movimento estudantil em todo o país propagando a tática de ação direta para, frente à conjuntura nacional, opor-se com a intensidade proporcional aos descontentamentos juvenis. Com rapidez a *hashtag* ecoou nos corredores e validou a percepção que “a ocupação de prédios e a interrupção de aulas são atos legítimos de protesto político” (MARCUSE, 1999: 93), tomando forma em barricadas, atos e performances para estabelecer um novo paradigma de domínio das salas de aula das Universidades.

O Ceará não fugiu ao chamado e se converteu em efervescência estudantil. Rapidamente, despontaram ocupações em

Universidades do sertão ao litoral em trajetória emergente – registrada em livro-reportagem (MACÊDO JR, 2017a) e, a cada proclamação, estudantes posicionavam-se contrários à PEC 55/2016 e levantavam a bandeira 'Fora Temer'!



Figura 1: Mapa de Ocupações e Mobilizações Estudantis no Ceará.

Fonte: Acervo da Pesquisa/2017

A sublevação estabelecida pelos estudantes ao paralisarem as atividades acadêmicas no Campus Cajazeiras do Instituto Federal do Ceará (IFCE) na cidade de Iguatu, em 21/out; transcorreu ao Crato, onde universitários seguiram em romaria e ocuparam a Reitoria da Universidade Regional do Cariri (URCA) em 25/out; seguiu à Fortaleza, fincando raízes no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) em 01/nov e, junto à deflagração de greve estudantil geral em assembleia histórica no dia 03/nov, a palavra de ordem 'Ocupa e Resiste' ganhou sentido e tônica com o boom de 34 cursos de graduação ocupados em todos os campus da Universidade na capital cearense; bem como incidência de greve estudantil em cursos não-ocupados na capital nos campus do Interior. A Universidade Federal do Cariri (UFCA) também floreceu, ocupando o Campus Crato em 05/nov; e o Campus Juazeiro do Norte no dia 09//nov. No mesmo dia, em Fortaleza, estudantes de Artes Visuais ocuparam o Campus Aldeota do IFCE. Em 16/nov, foi a vez da Universidade Federal da Integração da Lusofonia Afrobrasileira (UNILAB), no Campus da Liberdade, em Redenção; e do Campus Crato do IFCE. Só em 22/nov, o Campus dos Palmares da UNILAB, em Acarape, aderiu à sequência.

Muito diziam os Reitores e componentes da Administração Superior, as esferas de governo e, claro, a própria população sobre as motivações que impulsionaram jovens estudantes a abandonarem o conforto e segurança de seus lares à subverterem a ordem pública e construir o maior movimento de ocupações universitárias da história brasileira. Os jornais também se inseriam na construção de uma narratividade dos episódios e, em seu exercício, costura a memória social (BARBOSA, 2004) a partir do conteúdo produzido; pois circula como um documento público (PARK, 2008) que registra os câmbios de nosso tempo.

Considerando estes elementos, nos debruçamos a fim de compreender a representação social contida nas apurações jornalísticas do Grupo de Comunicação O Povo e do Sistema

Verdes Mares¹ – a partir do veiculado nas plataformas web e impressas – sobre as ocupações universitárias ocorridas no Ceará pós-Golpe de 2016.

2. A casa do Barão Gentil, sob nova direção, estampa capa

Ao refletirmos sobre a representação dos estudantes-ocupantes da Universidade Federal do Ceará nas produções jornalísticas no estudo monográfico (MACÊDO JR, 2017b), a partir de 15 registros do O Povo (OP) e 7 do Diário do Nordeste (DN)² – onde o objeto é mencionado³ – percebemos alguns quesitos na tônica discursiva que firmam-se basilares para compreensão categórica neste trabalho.

A análise dos 22 itens clipados permite delinear que a narrativa foi construída na seguinte sequência de picos de noticiabilidade: a) início das ocupações universitárias; b) ampliação e consolidação das ocupações; c) estudantes ganhando as ruas em atos e manifestos públicos. Percebemos neste processo a atualização da prática jornalística, ao tipificar 'ocupação' como tal; e não por 'invasão' ou congêneres em sua ampla maioria. Apenas uma matéria editada por OP foge à regra. Esta margem demonstra como o conteúdo de apuração sobre ocupações nos grupos em análise atenta-se aos marcos teórico nada novo que exprimem

¹Escolhemos os grupos a serem estudados levando em consideração a lista produzida pela Associação Nacional de Jornais – ANJ sobre os veículos impressos com maiores circulações pagas no país. A última pesquisa realizada pelo Instituto Verificador de Comunicação – IVC corresponde ao ano de 2015. No ranking de 50 primeiros, constam apenas dois veículos impressos de circulação no Ceará: o Diário do Nordeste, que editado pelo Sistema Verdes Mares, ocupa o 33º lugar, com 22.593 exemplares na média de circulação; já o Jornal O Povo, empreendido pelo Grupo O Povo, está na 48º posição, com 27.398 impressões na média de consumo.

²É justo registrar que se cobra R\$ 30,00 por hora de pesquisa nas hemerotecas dos jornais em análise. Também se cobra pela reprodução dos jornais. No Arquivo do O Povo, a cópia custa R\$ 20,00, enquanto no Diário custa R\$ 18,00. Tais elementos, inicialmente, travaram a pesquisa. Contudo, durante a clípagem web, percebemos que o mesmo conteúdo disposto nos jornais impressos estava disponível nos portais dos grupos, o que nos poupou o gasto com cópias das hemerotecas.

³A metodologia adotada será detalhada a seguir, no item 3.

sobre a ética no tato e construção de imagem pública dos movimentos sociais produzida pelas empresas jornalísticas. Contudo, as marcas de criminalização ou que denotam aspectos negativos – aliados à negação de boas medidas tomadas nas ocupações – seguem presentes nas publicações, seja nas plataformas web, seja nas impressas.

A referência à existência de assembleias, por exemplo, é algo usual no conteúdo dos dois grupos. Contudo, na publicação de 07 de novembro de DN, estimula-se imagem de que são resultantes de poucos cursos ou poucos estudantes. Outra referência degradante é criada na publicação de 04 de novembro por DN, ao versar que as ocupações seguem por tempo indeterminado, denotando o tempo sem margem como algo sem horizonte ou sem planejamento. Acumulando, portanto, ideia de desorganização do movimento.

Para compreender os tonais adotados pela cobertura jornalística sobre o movimento, adotamos a comparação dos eixos identificadores nas matérias com a própria conceituação teórica. Esta medida nos permitiu diagnosticar de que maneira tais elementos textuais e discursivos são impressos e qual enquadramento temos, de fato, na adoção de cada termo empregado. Destacamos quatro que se tornaram-se recorrentes: 'ocupação', segundo Harvey (2012), Marcuse (1999), Bianchi (2008), Zibas (2008), e Gohn (2013); 'protesto', de acordo Alves (2012), Peruzzo (2004) e Gohn (2013); 'diálogo', para Freire (1993) e; 'criminalização' em Ulisses (2012) e Sauer (2008).

Ao confrontarmos os conceitos literários com a carga discursiva dos termos encontrados nos jornais, percebemos que existe divergência entre os significantes e o conteúdo destacado nos periódicos – que, por sua vez, estão voltados ao enquadramento dos estudantes e das ocupações como medidas fora da ordem e associadas à ruptura cidadã. As óticas das empresas jornalísticas na adoção dos termos, aliados às pautas crivadas no que consideram notícia ou à omissão de conteúdo, são pontos de partida para construção simbólica que criminaliza o movimento – como explora e

detalha o trabalho monográfico de MACÊDO JR (2017b). Isto se dá de forma diferente nos dois grupos. Em Verdes Mares, encontramos uma abordagem mais agressiva e direta na expressão de posicionamento; enquanto em O Povo, de modo geral, percebemos que estas marcas estão mais enraizadas nas entrelinhas.

Já ao pensarmos sobre o enquadramento dos estudantes, observamos a delegação de um espaço de centralidade aos ocupantes no fazer político; entretanto, empenhando-se na criação de um personagem alegórico, impulsionado pela emoção e com rasa avaliação política dos acontecimentos. Nisso, é preciso referenciar que os estudantes pouco são escutados nas matérias⁴ e, quando convidados a falarem, são comprimidos a espaço dedicado às falas agitativas.

3. Para tecer o Ceará ocupado.

Na medida em que os estudos anteriores permitem marco referencial para ponto de partida e compreensão de um território que é dinâmico e diverso em suas complexidades – sobretudo ao considerarmos os processos de expansão universitária e o objeto adotado – permitem aprofundamento, ao oportunizar um olhar mais qualificado e ampliar as dimensões de análise ao incluir outras Universidades.

Nisto, encorpa-se este trabalho. Ao validar o local de protagonismo dos campi e Universidades de cidades no interior do Ceará, nos propomos a aumentar as dimensões de análise e perceber quais as relações de enquadramento realizado pelos veículos estudados – radicados na capital – sobre as relações de insurgência estudantil nos sertões e no Cariri.

É justo referenciar que esta ampliação no foco de análise não implica em perda de objetividade de pesquisa, dado que todas as

⁴ Nenhuma matéria de DN traz aspas com falas estudantis, dentre as sete clipadas. Em OP, todas as 8 das 15 matérias analisadas contam com participação dos ocupantes.

ocupações concentradas no território e especificadas no objeto deste artigo estão inseridas na mesma conjuntura social e política; além de reivindicarem as mesmas pautas e; por fim, estarem agrupadas e reconhecerem-se como parte de um movimento nacional.

Como uma lupa sobre o jornal, desenhamos metodologia que foi adotada no exercício de pesquisa monográfica; e, também, na articulação da pesquisa para construção deste artigo. Dividida em crivos, a metodologia em lupa consiste em esquema sequencial dividido em três etapas a fim de compilar uma fotografia do objeto e, a partir destes, avaliar o conteúdo e o tom dos discursos.

Nela, condensamos processo onde é possível: a) apuração da fotografia; b) revelação da fotografia e c) dissecação da fotografia no intento de, como resposta, encontrarmos as matrizes de representação – considerando os conceitos de Enquadramento, segundo Entman (1993) e Gitlin (1980); e Critérios de Noticiabilidade, de acordo com Traquina (2002) e Wolf (1987) adotados nas produções em estudo.

Consideraremos, neste trabalho, matérias de apuração sobre ocupações universitárias na URCA, UFCA, IFCE e UNILAB no período de setembro à dezembro de 2016, motivadas pela PEC 55/16 e por Fora Temer – correspondentes à mapeamento apresentado anteriormente.

A primeira etapa trata-se da organização dos itens de análise. Nela, clipamos⁵ os conteúdos disponíveis nos periódicos investigados⁶ em esquema de linha do tempo, permitindo denotar a frequência com que as publicações apareciam em cada veículo e criar um escopo organizativo do material. Utilizamos de modelo padrão para clipagem das matérias web e cópia das matérias

⁵ Clipagem é um método de pesquisa documental em jornalismo onde produções específicas são destacadas do conteúdo total e reunidas por grupos de afinidade, sejam teóricas ou temáticas. Neste caso, clipamos matérias que pautavam o objeto deste trabalho.

⁶Doravante, constituem-se fonte de pesquisa: O Jornal O Povo e o Portal O Povo Online, do Grupo O Povo; e o Jornal Diário do Nordeste e Diário do Nordeste Online, do Sistema Verdes Mares. Não consideramos a produção em blogs vinculados às empresas em análise. .

impressas. Foram clipados 6 registros do O Povo e 1 do Diário do Nordeste; onde ocupações em outros territórios além da UFC são, no mínimo, citadas.

Na segunda etapa, nos permitimos uma leitura atenta sobre os materiais reunidos a fim de apurar os traços discursivos contidos nos registros textuais e multimídias. Observava-se, ainda, o contraste entre a deposição dos veículos sobre os ocorridos e a presença de itens considerados posicionantes na construção de uma linha editorial sobre a temática abordada.

Após destacarmos os itens e elementos que expõem óticas no produto jornalístico, costuramos os itens para iniciar uma avaliação discursiva e, através dela, perceber frequências ou ausências de elementos. Esta é a terceira etapa, onde, ao compilarmos os itens narrativos, pudemos ter maior nitidez na tônica descritiva adotada pelas empresas jornalísticas sobre a insurgência estudantil de 2016 nas Universidades ocupadas no Ceará.

4. Atenção à romaria estudantil no sertão-ocupante

Mesmo com experiências de ocupações no Cariri desde outubro, a primeira matéria dos periódicos em análise a pautar além das redomas da UFC surge apenas em 07 de novembro (segunda-feira) e percorrem até o dia 10 de novembro (quinta-feira) – prazo muito anterior ao encerramento da última ocupação⁷.

A trama pautada pelos jornais inicia com matéria de 07/nov de OP Online dedicada a aprofundar conteúdo sobre o estopim de ocupações no Campus Crato da Universidade Federal do Cariri. Detalha-se, ainda, que as manifestações são parte de mobilizações nacionais motivadas contra a PEC 55/16. Em 08/nov, a matéria publicada em manchete 'Ocupações estudantis ganham adesão em novos cursos da UFC e UFCA' traz um texto denso sobre os

⁷ A última ocupação a dissolver-se estava radicada na Reitoria da Universidade Regional do Cariri, no Crato. Encerrada em 18 de janeiro de 2017, resultando 82 dias de ocupação e vitórias pactuadas com a Administração Superior.

ocorridos na primeira instituição e as motivações políticas ali ocorridas para, ao fim, citar que a vivência de ocupação na segunda Universidade a partir da paralisação e do impedimento das aulas no curso de Agronomia, no Crato.

Ainda em 08/nov em matéria de OP Online que pauta a não punição de estudantes, cita-se, pela primeira vez, a existência de mobilização na URCA – a mais antiga e notória resistência no Estado.

Em 10/nov OP Online publica sobre a ocupação dos estudantes de Artes Visuais no Campus Aldeota do IFCE, em Fortaleza; reiterando o caráter crítico dos estudantes às medidas do Governo de Michel Temer – sobretudo PEC 55/16 e a MP 746 sobre a Reforma do Ensino Médio. DN também dedica espaço à esta notícia, expondo que os estudantes “acreditam que as medidas atacam diretamente a proposta dos Institutos Federais, juntamente com os direitos sociais conquistados e são um retrocesso no modelo educacional brasileiro” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2016)

Ainda neste dia, são lançadas duas matérias por OP. Na plataforma online, é lançada apuração sobre caso de agressão realizada por Policial Militar Reformado contra Bárbara Castro, estudante-ocupante de Jornalismo no campus Juazeiro da UFCA. O texto é marcado por itens que levantam suspeita sobre a versão estudantil, como 'narra' e 'suposta agressão', demarcando descrédito apesar do vídeo linkado que registra o momento em que o agente da lei chuta a cara da estudante que está sentada no chão. Esta é a única vez que esta Unidade Acadêmica é referenciada.

Publicada no impresso, outra produção deste dia em OP é voltada à atividade da UFC e, ao fim, cita a existência de ocupação dos campi Iguatu e Fortaleza do Instituto Federal do Ceará. Nisto, inexistem registros jornalísticos sobre a sublevação dos estudantes nos campi Redenção e Acarape da UNILAB; além do campus Crato do IFCE e do Campus Pirajá da URCA, em Juazeiro do Norte.

Nestas matérias, os estudantes surgem em representação aliada à construção de uma persona pitoresca que tem em ação de

insurgência uma atitude idealizada e pouco justificável pela discordância com a pauta em discussão no Legislativo. Este local de figuração não é uma novidade para Safatle (2012: 49), pois “boa parte da imprensa mundial gosta de transformá-los em caricaturas, em sonhadores vazios sem a dimensão concreta dos problemas”, explica.

A imagem pública criada sobre os estudantes-ocupantes no Ceará é convergente à percepção de Pereira (2016: 17-18) ao concluir que os lugares destinados aos estudantes cariocas em 1968, no período e 1988 à 1992 e em 2013 é sempre lugar de criminalização, onde ação política é compreendida como atos provocados pelos sentimentos a flor da pele típicos da juventude.

5. O Ceará cabe não no jornalismo de Fortaleza

Após confronto do conteúdo frente à complexidade dos ocorridos no período de ocupações, consideramos a cobertura realizada insuficiente e ineficaz. Em exercício neste período, a figuração do interior é parte da composição narrativa do segundo pico de noticiabilidade das ocupações na UFC, situação em que as ocupações são ampliadas e alcançam novos lugares (MACÊDO JR, 2017b).

Nesta lógica, cria-se sinonímia de que as realizações dos campi e Universidades situados nas cidades do interior do Ceará foram inspiradas na insurgência estudantil da UFC – que contam com registros desde 01 de novembro – compondo onda de expansão da incidência estudantil. Entretanto, é cabal registrar que esta é uma inverdade. As composições de ocupação na Universidade Regional do Cariri e paralisação das atividades no Campus Iguatu do IFCE já estavam consolidados quando eclodiram mobilizações na Capital.

Atentamo-nos à escassa representação das ocupações no Interior. Em OP, 2 de seis matérias são destinadas unicamente a pautar as articulações discentes: uma, sobre o início da ocupação do Campus Crato da UFCA; outra, sobre agressão no campus Juazeiro

do Norte da UFCA. Esta última preocupa-nos ao referenciar que o critério de noticiabilidade que evidencia à mobilização da categoria é a existência da violência e, em nenhum outro momento, busca-se outra representação deste espaço sob nova direção. Nas demais matérias, apenas cita-se a existência de ocupações em determinadas cidades, enquanto para outras delega a invisibilidade.

Cabe preocupação com o Diário do Nordeste que, em seus canais, a única matéria *outsider* à UFC é sobre IFCE em Fortaleza; e nada produziu em seus veículos oficiais de apuração sobre ocupações no interior – nem referenciou a existência delas.

“Ao selecionar temas que devem ser lembrados e ao esquecer outros, produz, a partir de critérios subjetivos, uma espécie de classificação do mundo para o leitor”, relembra Marialva Barbosa (2004: 01) ao questionar a expertise do jornalismo em figurar os elementos a comporem a memória social.

A partir destas observações, é possível aferir que – apesar de figurarem-se como importantes veículos na tônica econômica, cultural e política do Ceará – não compreendem a complexidade do território e; localizados em Fortaleza, não enraízam a investigação jornalística sobre outros ambientes – visto que estamos lidando com objeto de expressivo radical nos critérios de noticiabilidade.

Temos, na linha do tempo promovida pelo jornalismo cearense, lacuna que renega as ocupações estudantis espalhadas pelo Ceará; em detrimento de aprofundamento do privilégio de cobertura em maior densidade sobre as mobilizações na UFC. É importante atentar-se que não trata-se apenas de uma questão sobre Fortaleza, dado que as articulações discentes do IFCE Aldeota também seguiam invisíveis; enquanto a Greve Estudantil da UFC em Fortaleza, sozinha, dispunha de 22 matérias (15 de OP, 7 de DN) neste período.

Esta situação explora relação de poder e evidencia o crivo de noticiabilidade sobre a Instituição de Ensino Superior mais antiga do território; e, para as demais, pouco se explora sobre o potencial de valor-notícia existente nelas. Nesta via, constrói enquadramento

de que as mobilizações de outras Universidades eclodem e, sem o suíte⁸, nenhuma outra informação atualiza o conteúdo. Gera-se, assim, sensação de que caíram no esquecimento e, politicamente, definharam – o que não é verdade.

6. Considerações Finais

Neste processo, as palavras de Patativa do Assaré firmam-se acertadas. É certo que o poeta popular cearense tinha fé nas palavras que insistiam o canto do Sertão pelos sertanejos; assim como temos certeza que as redações jornalísticas concentradas em Fortaleza não foram capazes de registrar com valor as vivências de insurgência estudantil para além das redomas do Benfica.

Há inquietação frente à omissão da memória oficial produzida pelo jornalismo sobre a ordem dos fatores que compõem a narrativa das ocupações universitárias no Ceará. Este elemento, aliado a posição de citação referencial de mera existência em que são inseridos para ilustrar matérias sobre a UFC, denota a pouca valorização de noticiabilidade adotada pelos jornais; bem como a preocupação irrisória de figurar, em plenitude, uma fotografia verdadeiramente cearense sobre os processos.

Ao negligenciar os feitos dos estudantes sertanejos e equivocar-se na construção linear dos fatos, o jornalismo cearense constrói uma imagem pública sobre estudantes-ocupantes que, antes de qualquer coisa, prima-se excludente e não referencia os sujeitos que, nestas terras, primeiro ousaram insurgir contra a PEC 55/16 e contra o governo de Michel Temer.

Neste contexto, urge a necessidade de cantarmos o sertão que é nosso e, a partir da comunicação produzida pelos ocupantes, tecer conteúdos e disputar as narrativas que compõem a memória social sobre os acontecimentos. Barbosa (2004) denomina-os como senhores da memória ao referenciar a força que possuem de ditar os

⁸ Prática jornalística de atualização do conteúdo elencado em matérias anteriores no mesmo veículo

elementos compositores da história oficial no presente. Se estes se concentram na Capital, é tempo dos sertanejos cantarem os sertões nas ondas da comunicação popular! Nisto, fazer-se visibilizar para não esquecermos jamais destas e outras tantas lembranças que circulam nossas mentes e, mesmo assim, são invisibilizadas pelos grupos que monopolizam a comunicação no Brasil.

Referências

- ALVES, Giovanni. Ocupar Wall Street... e depois?. In: HARVEY, David et al. *Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BARBOSA, Marialva. *Jornalistas, “senhores da memória?”*. Porto Alegre: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004.
- BIANCHI, Augusto. *Transgressões: As ocupações de reitoria e a crise das Universidades Públicas*. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.
- DIÁRIO DO NORDESTE. *Estudantes ocupam Campus do IFCE na Aldeota*. Fortaleza, 10 novembro 2016. Disponível em: <goo.gl/intYwB> Acessado em: 19 fev. 2017.
- ENTMAN, Robert M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. In: *Journal of Communication*, vol. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- GITLIN, Todd. *The Whole World is Watching: mass media in the making and unmaking of the new left*. Berkeley: University of California Press, 1980.
- GOHN, Maria da Glória. *Sociologia dos movimentos sociais: Indignados, Occupy Wall Street, Primavera Árabe e mobilizações no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2013.
- HARVEY, David. Os rebeldes na rua: O Partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: HARVEY, David et al. *Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MACÊDO JR, Daniel. *Divino Maravilhoso das ocupações universitárias pós-golpe de 2016 no Ceará*. Fortaleza: Quitanda das Artes, 2017.

_____. *Ocupa e resiste: Memórias e representações do jornalismo cearense sobre as ocupações estudantis na Universidade Federal do Ceará pós-Golpe de 2016*. 2017. Monografia. Graduação em Comunicação Social | Jornalismo – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017b.

MARCUSE, Hebert. *A grande recusa hoje*. Petrópolis: Vozes, 1999

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Org.). *A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PEREIRA, Cláudia. *Ainda somos os mesmos?: representações midiáticas da juventude em movimentos sociais, ontem e hoje*. Porto Alegre: Revista Famecos, 2016.

PERUZZO, Cicília M.K. *Comunicação nos movimentos populares: A participação na construção da cidadania*. 3 ed. São Paulo: Vozes, 2004.

SAFATLE, Vladimir. Amar uma ideia. In: HARVEY, David et al. *Ocuppy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo, 2012.

SAUER, Sérgio. *Processos recentes de criminalização dos movimentos sociais populares*. Disponível em <goo.gl/VeqCwP>. Publicado em: set. 2008. Acesso em: 24 jun. 2017.

TRAQUINA, Nelson. *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera Editores, 2002

ULISSES, Laís Soares. *Panorama da criminalização dos movimentos sociais no Brasil: suas diversas facetas e o emblemático caso da aplicação da lei de segurança nacional no Rio Grande do Sul*. Teresina: Arquivo Jurídico, 2012.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1987

ZIBAS, Dagmar. “A revolta dos pinguins” e o novo pacto educacional chileno. Rio de Janeiro: Rev. Brasileira de Educação, 2008.